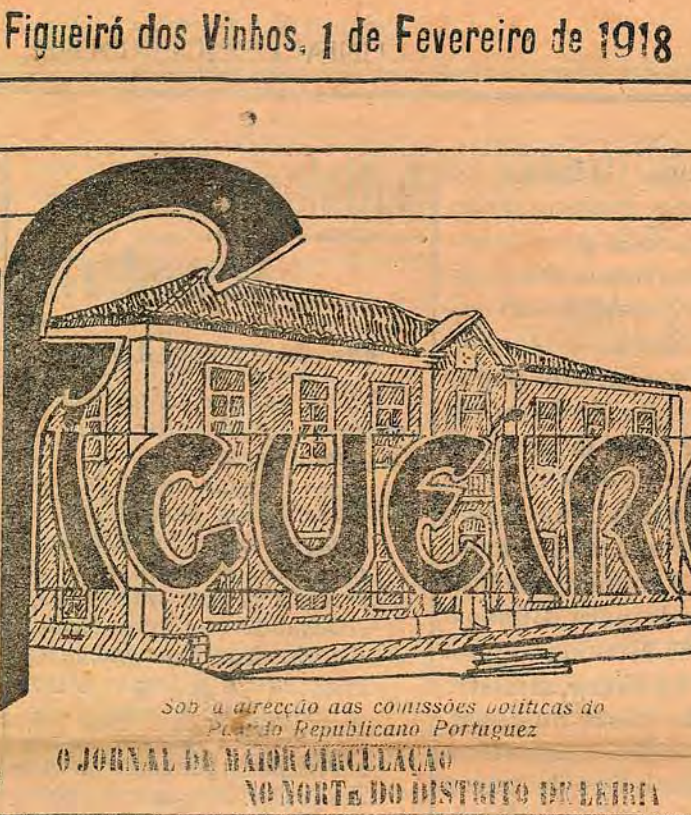




União Figueirense
 ORGÃO
 do
 CENTRO DEMOCRÁTICO
 D. AFFONSO COSTA
 Director — José Miguel F. David
 Propriedade da empresa União Figueirense



Figueirense
 Sob a direcção das comissões políticas do Partido Republicano Portuguez
 O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO NORTE DO DISTRITO DE LARIBA
 Editor Mancel Henriques
 ASSINATURAS
 Portugal e colónias, ano 1\$20; Estrangeiro 2\$00
 Numero avulso, \$03. Anuncios, preço convencional
 Tiragem 1:000 exemplares
 Comp. e imp. nas oficinas da «União Figueirense»

DECLARAÇÃO

O meu reaparecimento neste jornal vai causar estranheza a muita gente.

Fique, porem, desde já assente que eu nada tenho que ver com a sua orientação, e muito especialmente em tudo o que diz respeito à vida politica local, de que me conservo afastado, como até aqui. Da minha responsabilidade será unicamente o que for por mim assinado.

Antes de mais nada devo explicar os motivos porque aqui me encontro. Eu reputo a actual situação politica perigosa para a Republica e, consequentemente, para o paiz. Conheço pessoalmente alguns dos homens do governo e tenho ainda confiança na sua fé republicana. Um d'elles, o sr. dr. Alfredo de Magalhães, foi investido no alto cargo de governador geral de Moçambique por um governo da presidencia do sr. dr. Afonso Costa, de cujo partido foi um marechal distinto. A sua passagem por aquela nossa grande colonia assinalou-se pela honestidade com que governou e pela orientação, verdadeiramente republicana e liberal, que deu a todos os seus actos. E foi por isso que sahi á estacada em sua defesa quando temiveis elementos monarchicos (tambem por lá os ha) aproveitando a sua ausencia em Lisboa, levantaram contra ele uma campanha formidable, que tendia especialmente a evitar o seu regresso ao governo da colonia. Na imprensa, em comicios e até na maçonaria, sustentei a mais viva e enérgica defesa que tenho feito na minha vida, crivando-me de dissabores e de odios, que não se apagam facilmente. Fui tambem uma das pessoas que mais contribuíram para a sua eleição e do sr. Tamagnini Barbosa, actual ministro das colonias, apresentando-se ambos ao sufragio como candidatos republicanos independentes. Como eu, votou nos seus nomes quasi a totalidade dos electores democraticos, e tambem os evolucionistas. Estas considerações, que podem parecer descabidas, são para demonstrar que o meu conceito sobre esta situação politica foi formado sem paixão, baseando-se unicamente na análise fria e reflectida dos factos. Os acontecimentos que se têm succedido desde a revolução de dezembro arregaíram em mim a convicção de que o grande objectivo do governo é aniquilar os partidos democratico e evolucionista, promovendo por todos os modos o desprestigio dos seus homens mais eminentes, sem ver que isso constitue um perigo gravissimo para a Republica. Estão, pois, desfeitas as ilusões que tive sobre a sua orientação e propósitos. Era licito esperar que elle tratasse os vencidos de ontem com lealdade e correcção, reconhecendo o merito d'aqueles que ao paiz prestaram assinalados serviços e castigando, sem dolo nem piedade, os que, de algum modo, tivessem prevaricado.

Em vez, porem, de se fazer justiça serena e isenta de paixões, eu vejo com magua que a obra do governo é toda de revulções e odios, que ameaçam subverter a sociedade portugueza. Resolvido a levantar o meu protesto contra este estado de coisas, faço-o num jornal que fundei e dirigi durante um ano.

Miguel Alexandre Alves Correia

Pela Republica!

Ausentes ha largo tempo de um meio onde as paixões politicas assumiram proporções extremas, cegando completamente os espiritos e sem outro objectivo que não fosse aniquilar o adversario, a nossa Razão, liberta da melasta influencia d'esse meio e agindo livremente, rompeu o veu que obscurecia o nosso espirito, mostrando-nos em plena luz o caminho que todo o bom patriota deve seguir.

Rigorosa honestidade na administração publica, inteligentes medidas de fomento, estudo consciante da economia nacional e do problema financeiro e colonial, respeito pelas garantias individuais, como são a liberdade de pensamento, reunião e associação, é o que deve essencialmente preoccupar a atenção dos homens em cujas mãos a Nação confia os seus destinos.

Para que o paiz não fique á mercê do primeiro aventureiro que nos surja neste tumultuar de paixões, é indispensavel cuidar a serio da educação do povo, transformando as massas ignorantes em cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres e dando as camadas novas a instrução necessaria para no futuro poderem livremente e com eficacia cooperar nos destinos da Patria.

Emquanto assim se não formar o *caracter colectivo*, de maneira que todos compreendam nitidamente a sua função no meio social, toda a obra da Republica ha de fatalmente sofrer duma doença profunda, que se traduz na inconsciencia com que são olhados os actos dos governantes e na indiferença pelos problemas mais importantes para a vida e progresso da nação.

Todos os governos, qualquer que seja a corrente que representem no poder, para fazerem obra proficua e perduravel, precisam de se apoiar com firmeza na *opinião publica*, e esta só existirá de facto quando pela educação e pela instrução se tenha formado o *caracter nacional*.

No dia em que o sufragio representar a legitima expressão da vontade do elector, pela preparação deste para exercer livre e consciatemente o seu direito, o regimen parlamentar deixará de ser essa revoltante mystificação em que Portugal vem vivendo ha longos anos.

Quando as maiorias, por uma mal compreendida disciplina partidaria, obedecem cegamente, sem discussão, ás indicações de um homem, tornando-se escravas da sua vontade, o parlamento, em vez de ser o representante da soberania popular e sentinela vigilante do respeito pelas garantias individuais, torna-se o mais perigoso agente da mais perigosa tirania.

E por isso dizemos que a preparação do elector para exercer livremente o seu consciencia o seu direito, habilitando-o a escolher os mais competentes e honestos entre os que professam o seu credo politico, é fundamental para dar a qualquer regimen a autoridade e o prestigio indispensaveis á sua existencia, como legitima expressão da vontade nacional.

Ha muito que haviamos to-

modo a deliberação de nos afastarmos completamente de toda a discussão partidaria, isolando-nos numa indiferença absoluta pelo que se fosse passando nesta malfadada terra, e assim nos mantivemos, convencidos de que nada poderia novamente despertar a nossa actividade politica.

Factos de varia ordem, com os quaes a nossa consciencia nunca se conformou, levaram-nos á convicção de que não valia a pena estar a perder tempo e a dispendir energias num paiz onde meia duzia de audaciosos, sem merito e sem convicções, *abusando da confiança e boa fé de homens eminentes*, empolgaram a situação, sem outro fim que não fosse satisfazerem a sua vaidade e inconsciente interesses.

Para que um partido possa ter ostensivamente a seu lado a opinião d'aqueles que o acompanham com desinteresse, por o seu programa de governo abranger os varios problemas da administração publica e n'ele se defenderem os principios duma politica eminentemente nacional, é indispensavel revesti-lo duma grande força moral, insuspeita e indiscutivel, que o imponha ao respeito de todas as pessoas honestas, amantes da sua patria.

Nestas horas amargas que vão correndo, livre das imensas responsabilidades do poder e com o espirito libertado do estudo dos graves problemas que absorvem a sua inconfundivel actividade, o sr. dr. Afonso Costa, que possui incontestavelmente admiraveis facultades de talento, ha de ter visto que o partido que superiormente di gente carece ser expurgado de elementos que em vez de o fortalecerem com o seu concurso, acarretam o seu desprestigio. Estamos convencidos de que, se não fora a acção dissolvente d'esses elementos, que abusaram da sua ocasional situação, o movimento revolucionario de 5 de dezembro havia de bater-se com uma resistencia tenaz, que lhe tornaria impossivel o triunfo. A divergencia de pontos de vista, que havia no partido, e a falta de coesão indispensavel para o manter forte e unido no momento de perigo, punham-no á mercê do primeiro golpe de mão dirigido com audacia.

Nas horas angustiosas que estamos vivendo o nosso espirito, revigorado ppor uma grande fé nos destinos da Patria, aguarda confiadamente o dia em que a nação, despertando do sono em que parece mergulhada, chame em defesa da Republica esse nome de impulso firme e rija tempera, que a mais feroz perseguição de todos os tempos não conseguira aniquilar.

E sob a ditrecção dessa figura dum alto relevo moral e de rara envergadura de estadista caminharão todos aqueles que acima

de mesquinhas conveniencias colocam os sagrados interesses da Patria.

Factores de varia ordem contribuíram para o triunfo da revolução de 5 de dezembro, e entre eles sobressai, sem duvida alguma, estarem muitos dos combatentes do parque Eduardo VII convencidos de que, deposto o governo, cessaria a ida de tropas para os campos de batalha.

Assim se explica naturalmente a adesão pronta e facil ao movimento revolucionario duma unidade que estava mobilizada e prestes a ir juntar-se ás nossas divisões que combatem na França.

Qualquer que seja, porem, a orientação intima dos dirigentes desse movimento, a quebra dos nossos compromissos internacionais acarretaria fatalmente a perda da nacionalidade, e, por isso, no governo terão de respeitar sem sofismas os tratados firmados em nome da nação. Dizem eles que a plataforma sobre que se fez a revolução foi a do *restabelecimento das liberdades e garantias individuais*, fazendo triunfar a *liberdade contra a tirania, a ordem contra a desordem, a disciplina contra a indisciplina*.

Nunca assistimos a uma farçada tão atrevida e tão revoltante.

E' então em nome d'essa *liberdade* que se suspendem a esmo os jornaes affectos ao partido democratico e se metem na cadeia os jornalistas que se abalançam a fazer a critica da tirania que nos governa? E' tambem em nome dessa *liberdade* que se encerram os centros politicos, constituídos á sombra das leis e funcionando debaixo da sua protecção? E' ainda em nome dessa *liberdade* que se mantém sob prisão individuos sem culpa formada e contra quem não impende a accusação de qualquer delicto?

E' em nome da *ordem* que o governo está lançando diariamente ao publico essas espantosas notas officiosas, tendentes a acarretar o descrédito sobre os melhores defensores do regimen? E' tambem em nome dessa *ordem* que os monarchicos, de mãos dadas com o governo, pretendem cobrir de lama aqueles que ao serviço da Republica têm posto o melhor da sua inteligencia?

Foi finalmente em nome da *disciplina* que se assaltaram os domicilios, destruindo e roubando como se vivessemos em plena Calabria?

Que mystificação! Que suprema ironia!

A situação é clara de mais para que um espirito medianamente ilustrado e reflectido não a possa compreender num golpe de vista. O governo não tem força propria para poder viver. As medidas de extrema e inqualificavel violencia

com que numa furia dementada, está perseguindo aqueles que ao serviço e d. fesa do regimen têm consagrado uma grande parte da sua vida levantaram contra si todas as forças organizadas da Republica.

A seu lado está o unionismo, que em todo o paiz conta uma insignificantisima minoria, e estão os monarchicos, que representam de facto a *unica* força em que se apoia. Estes, para continuarem a dispensar-lhe os meios de vida de que carece para singrar neste mar revolto, que a todos os momentos ameaça submergir o, exigem que ella adote medidas de tal rigor e de tal exceção que aniquilem duma vez para sempre os partidos, de cuja estabilidade depende essencialmente a existencia da Republica. Todas essas provocadoras medidas de exceção, que ameaçam subverter a sociedade portugueza, são recebidas nos arraiaes monarchicos com estrondosas saivas de aplauso. Os inimigos das instituições são de facto os senhores absolutos da situação.

Sabendo muito bem que a vida do governo lhes está nas mãos, não se cansam de reclamar que seja dado *um exemplo de severidade e de castigo sumario, que fique fora da brandura dos nossos costumes*, para acabar com uma agitação, de que são eles alii os principais agentes. Nestas palavras, cuja autenticidade pertence ao *Dia*, cabe tudo quanto ao governo a proover fazer desde o fusilamento d'aqueles que, pela sua grandesa moral e facultades de intelligencia, constituem um serio obstaculo á realização dos seus designios, até á sua deportação para qualquer das nossas colonias. E aqui está o pretendido *exemplo da severidade e de castigo sumario, fora da brandura dos nossos costumes*, que os monarchicos reclamam em nome da *liberdade, da ordem, e da disciplina*, que a revolução invocou para se legitimar perante a opinião do paiz!...

Em presença de tudo isto haverá alguém que possa ficar com os braços cruzados, indifferente á derrocada que se aproxima?

Que o digam aqueles que pela Republica sacrificaram a sua liberdade, sofrendo as agruras da carcere ou se tendo exilado e ali amaldiçoada pela mais amarga saudade que o coração humano pode experimentar, a vida da familia de quem se viu separado.

Que o digam tambem, aqueles que, perdida a esperança de verem realizar-se uma obra de regeneração nacional dentro de um regimen onde uma patriótica tentativa de moralidade na administração foi sufocada pela ancia cega do poder, receberam a Republica com a mudança dos homens acarretaria

fatalmente novos processos na administração do Estado.

Se o espirito republicano, que o povo portuguez tem nobremente affirmado em todas as conjuncturas difíceis, não se levantar num protesto vigoroso contra a lesão da orientação em que vivemos, não virá longe o dia em que a revolução monarchica ha de lançar o paiz numaluta formidavel, que, fazendo correr rios de sangue, atirá a sociedade portugueza para a mais perigosa anarquia.

E porque d'isso estamos absolutamente convencidos, aqui levantamos o nosso brado—*A lertia pela Republica!*

Miguel Alexandre Alves Correia

Acalmando...

A viagem do sr. Sidonio Paes ao norte do Paiz teve por unico e supremo fim, alem duma sondagem ás disposições e estado d'espirito d'aquelas populações, fazer declarações de firme dedicação á Republica.

Adoptando o sistema politico dos estadistas inglezes e sr. Sidonio Paes pôde-se democraticamente em contacto com o povo, estudando-o minuciosamente, investigando das suas aspirações.

Assim o chefe do governo disse no Porto que defenderá a Republica emquanto lhe restar um sóro de vida, num prinda integralmente os nossos compromissos com a Inglaterra quanto á cooperação de Portugal na guerra.

Na Inglaterra ninguém hesitaria em o fazer porque a Inglaterra é um paiz culto e livre onde rigorosamente se respeitam todos os direitos e regalias dos cidadãos e a lei do do *habeas corp* não permite detenções arbitrarías.

Na Inglaterra a harmonia com que funcionam todos os poderes do Estado o Parlamento, a maxima independencia, usufruindo todos os direitos e regalias.

Em França o proprio principe-presidente Luiz Napoleão Bonaparte, logo apoz o golpe d'Estado de 2 de dezembro de 1851, percorrendo diversas regiões do seu paiz, tentou justificar o seu procedimento, aliando-o em motivos de ordem publica, na absoluta necessidade de acabar com uma Assembleia em permanente discordia e com uma Constituição imperfeita, substituindo isto tudo pelas gloriosas instituições do Consulado e do Imperio.

Eis como procedeu Luiz Napoleão Bonaparte!

O sr. Sidonio Paes ainda não explicou os motivos do exilio do sr. dr. Bernardino Machado nem as razões da prisão do sr. dr. Afonso Costa e sua excelencia deve calcular bem quanto uma suspeita injusta devia afrontar a dignidade de homens de tamanha envergadura.

Na França Cailaux e os seus cúmplices estão metidos numa prisão, mas pesa sobre eles a tremendissima acusação—mais que provada—do crime de lesa-Patria.

Cailaux, tesoureiro pagador do exercito do norte em Douens, por ocasião da invasão germanica em fins de agosto de 1914 abandonou o seu posto de honra, de intelligencia com o inimigo, partindo em seguida para Buenos-Aires onde se relacionou com o conde de Luxburg, ministro da Alemanha junto do governo da Republica Argentina, fazendo declarações de que a França estava irremediavelmente perdida, retalhada e desmembrada pela espada trianfante da Prussia, vitima e juguete da politica egoista e ambiciosa da Inglaterra.

Que Cailaux—o patricida—permita-se-me a originalidade do termo que d'ora avante terá de figurar no vocabulário mundial, infelizmente—e os seus cúmplices sejam condenados á morte compreende-se muito bem.

Mas Bernardino Machado, Afonso Costa e os outros?

Se existem realmente suspeitas contra eles, então «jogo franco, cartas na mesa»... diz o adagio popular.

Em vista de não haver Parlamento, que esses homens sejam julgados pelo Supremo Tribunal de Justiça e admitidos á barra da futura convenção a justifiarem, concedendo-se-lhes ampla liberdade para se desafrentarem.

De contrario tem de ser postos em liberdade já!

Só assim se poderá fazer politica de acalmação!

21.—Janeiro.

Fazenda Junior

"O MUNDO,"

Previnem-se os assinantes, agentes e correspondentes d'este jornal que reabriu a sua antiga sede—Rua do Mundo 95, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

Assinantes: Tendo, de vido aos ultimos acontecimentos desaparecido toda a escripturação, pede-se aos assinantes do jornal O MUNDO a fineza de enviarem os seus nomes, moradas assim como a data da terminação das suas assinaturas para a sede Rua do Mundo 95.

Agentes: Devendo reaparecer O MUNDO logo que em conformidade com a portaria publicada, o governo dê para isso autorisação, pede-se a todos os agentes do jornal O MUNDO que indiquem para a sede Rua do Mundo 95 a quantidade de jornaes que desejam receber.

Correspondentes: Todos os correspondentes do jornal O MUNDO, devem enviar desde já a sede Rua do Mundo 95 o seu cartão de identidade, a fim de ser trocado pelo novo cartão.

Noticias e

comentarios

Os do 27 de Abril

Numa reunião efectuada no Centro 27 de Abril foi aprovada a seguinte moção:

«Considerando que representa um perigo para a tranquillidade do Estado a existencia de «complots» secretos com fins criminosos, e sabendo-se que esses elementos mantêm entendimentos com outros politicos presos, a assembleia resolve propor ao governo que torne responsáveis por quaesquer atentados esses elementos presos, usando para com eles de todo o rigor.»

Isto é um sinal dos tempos que vão correndo. É uma sintese admiravel da tal liberdade, da ordem e da disciplina, que os canhões do parque Eduardo VII fizeram reviver... neste pequeno jardim da Europa, á beira mar plantado...

Ate dá vontade de ser-se poeta e andar na lua, para não darmos por estas miserias.

Esta moção, sendo uma infamia inqualificavel, traduz, sem reservas, o odio que essa gente vota ao chefe do partido democratico, a quem ela é directamente sobrescritada.

O illustre prisioneiro do Forte da Graça, a quem a Republica deve os melhores dias de felicidade e de gloria, ha de sentir o espirito alanceado pela mais cruel desilusão sobre a justiça dos homens. Ainda ontem o paiz inteiro, profundamente emocionado com o desastre que o colocou entre a vida e a morte, lhe prestou a homenagem mais grandiosa e sentida que um homem publico tem recebido, consagrando assim as suas excepcionaes qualidades de estadista.

E quando a hora da justiça soar hade ser esse mesmo povo que, tendo consagrado a sua obra de resurgimento nacional, lhe continuará prestando o seu concurso com a mesma confiança de sempre e com a fé inabalavel nos altos destinos da Patria. Essa famosa moção, que define uma epoca e só seria possivel nesta Republica nova, mostra a grandeza do odio que lhe votam os seus implacaveis inimigos. Oito verde, tigrino, que parece impossivel poder albergar-se em peitos humanos!

Amanhã, por uma destas espartezas ja bem conhecidas, põe-se na rua uma «intentiona», os figurantes dão uns tiros e simultaneamente atentam contra a vida de um ministro. Alega-se que «esses elementos mantementamentos em os presos politicos» e tornam-se estes responsáveis por toda essa comedia. E, em nome da tal «tranquillidade do Estado», invocada na fantastica moção, atiram-se com os perigosos agitadores, que o governo tem a ferros, para as costas d'Africa, para quã-ta estejam muito quietinhos... enquanto isto não entrar nos eixos.

É assim que se quer congratuar a familia portugueza, como diz o governo, acabando com as paixões e odios que a dividem? Não ha que vsr. isto caminha a marchas jorçadas para um formidavel cataclismo, que nas suas ruinas pode sepultar uma sociedade inteira.

Cargos de confiança

Em todos os tempos se viu escotherem-se para cargos politicos indivíduos que mereçam a

inteira confiança do regimen, de

que os governos são meros representantes. Agora não. Nesta republica nova, a que o sr. Sidonio Paes, acompanhado dos seus amigos monarchicos, entã «ninos de liberdade, ordem e disciplina, esses cargos entregam-se seja a quem fôr, sem se querer saber se a pessoa é ou não republicana. O governo, procedendo assim, está dentro da logica. Vivendo da força que os monarchicos lhe empresiam (vamos ver por quanto tempo) é com eles que tem de contar. Os outros, que constituem as grandes forças organisadas da Republica, são os inimigos, e como tal têm de ser tratados.

Ha governadores civis que fazem a sua confissão de fé monarchica? O sr. Sidonio Paes aplaude e reitera-lhes a sua confiança. Ha individuos publicamente conhecidos como adversarios do regimen? O governo investe-os em cargos militares de alta responsabilidade.

É preciso acabar com a demagogia—grita-se em altos brados. Acabe-se com ela. Como?

O governo cobriu o meio... a confraternisação com a familia monarchica.

Bravo! Bravissimo! Assim é que é!

Um dia os monarchicos lembram-se de quebrar esta santa aliança e levantam-se em armas contra a Republica.

Com que elementos de acção e de informação rapida e pronta contra o governo para acudir onde as circunstancias o reclama

rem? Anda-se, positivamente, a jogar a cabra cega... mas, enfim, Deus super omnia, como diz o amigo Borda d'Agua.

31 de Janeiro

Dia consagrado aos precursos da Republica?

É neste dia, de piedosa homenagem, que o povo republicano rende o o seu direito de saudade áqueles que, batendo-se por uma Ideia, regaram com o seu sangue heroico as ruas do Porto. É hoje que o povo dessa cidade—não aquele que aclamou o sr. Sidonio Paes, mas o povo republicano—vae em recolhida ramagem cobrir de flores e lagrimas a campa dos Heroes e dizer-lhes que durmam tranquilos o sono eterno, porque a Republica, que sonharam, vive e viverá sempre no coração dos portuguezes, e que, por mais dolorosos que sejam os transes por que tenhamos que passar, a sua defesa esta firmemente assegurada. Está coberta de luto a alma republicana, ao ver conspurcados na sua honra e afrontados na sua dignidade áqueles que mais denodadamente trabalharam pela proclamação da Republica e mais patrioticamente a têm servido.

Que a saudosa recordação dos Heroes, que, sacrificando a propria vida, prepararam o seu advento, sirva de lenitivo ás vitimas da calunia e lhes mantenha integra a confiança na hora da justiça, que não ha de vir longe.

M. A. ALVES CORREIA

D. Henriqueta Guimarães Cid das Neves e Castro

O SEU FALECIMENTO

No preterito dia 22, faleceu nesta vila, esta illustre e bondosa senhora, proprietaria, viuva do juiz da Relação de Lisboa, sr. dr. Francisco Augusto das Neves e Castro.

A virtuosa senhora que possuía avultados meios de fortuna, contava 66 anos de idade e pertencia a uma das familias mais illustres desta terra, tendo o seu passamento impressionado vivamente todos os figueiroenses que



sabiam apreciar os seus delicados dotes de caracter, que fizeram da sua vida um modelo de virtudes.

Exemplo modelar de amor maternal, foi mãe amantissima do nosso presado amigo, sr. dr. Mario Cid das Neves e Castro e da ex.^{ma} sr.^a D. Leonor das Neves e Castro de Novaes, esposa do sr. dr. Porfirio de Novaes, de Coimbra.

D. Henriqueta Guimarães Cid das Neves e Castro, intelligente e bondosa, por indole e educação, foi esposa virtuosa, mãe educadora, irmã estremecida e avó carinhosa.

Entre estas virtudes que cultivava em subido grau, contava-se a dedicação pela pobreza que tantas vezes encontrou no seu cora-

ção dorido, o obulo com que minorar as agruras duma situação angustiosa.

Era, em resumo uma grande alma, generosa e boa.

Filha da nobre e illustre fidalga, já falecida, D. Maria Rita Freire Salter Sousa Cid Guimarães, cuja memoria é ainda hoje recordada com saudade por todos que a conheciam, gosava das mesmas simpatias da sua illustre mãe, de quem recebeu uma educação esmerada que lhe formou um coração cheio de bondade e virtudes excepcionaes.

A morte da illustre senhora veio lançar em grande consternação, toda a sua illustre familia.

O seu funeral foi imponentissimo, encorporando-se nele as pessoas de mais representação desta vila e muito povo, acompanhando-a até ao cemiterio, onde o cadáver, encerrado numa rica urna de pau santo e prata, ficou depositada em jazigo de familia.

O aspecto do cortejo, foi a derradeira e significativa demonstração do quanto a illustre extinta era estimada não só pelos apreciaveis dotes do seu coração mas tambem pelo seu viver honrado e modelar.

E não foi sem que lagrimas estranhas lhe atestassem junto do tumulo a veneração que a todos inspiram o seu viver e as nobres qualidades que por largo tempo hão de emoldurar a sua memoria que a finada entrou para o seu ultimo abrigo, onde dorme em paz o sono etereo.

Da residencia da illustre extinta, até á igreja organisaram-se 3 turnos que pegaram as fitas do coixão e eram assim constituídos:

1.º—João Ferreira de Carvalho, Miguel Carvalho Rosinha, dr. Manoel de Vasconcelos, dr. José

Delgado da Silva Ribeiro, Alfredo Correia de Frias e Joaquim de Araujo Lacerda Junior.

2.º - Dr. Marcolino da Silva, Anibal Veiga Ferrão Paes, Antonio Luiz Agria, Elisio Nunes de Carvalho, Manoel da Silva Telhada e Joaquim Carlos da Silva Graça.

3.º - Manoel Lopes do Rego, José Manoel Godinho, José Simões da Silva, Carlos Liborio, Amadeu Simões Lopes e Manoel Quaresma Paiva.

Da igreja até ao cemiterio organizaram-se os seguintes turnos: João Luiz Junior, Francisco Simões Agria Junior, Augusto de Araujo Lacerda, Benjamin Augusto Mendes, Luiz Ferreira e dr. José do Nascimento.

2.º - Antonio Lopes Serra, José Pedro dos Santos, Antonio Ferreira, José Lacerda, Manoel Henriques e Manoel Lourenço Gomes dos Santos.

3.º - Manoel Dias Coelho, Joaquim de Matos Pinto, Alfredo Mercês da Conceição, Carlos Maria de Melo e Faro, João Pedro Godinho e José Quaresma d'Oliveira.

4.º - Carlos Liborio, José Manoel Godinho, Anibal Veiga Ferrão Paes, Luiz Ferreira, Manoel Quaresma Paiva e Manoel da Silva Telhada.

Das pessoas que se incorporaram no cortejo funebre podemos tomar nota das seguintes:

Dr. José Delgado da Silva Ribeiro, dr. Marcolino da Silva, dr. Manoel de Vasconcelos, Joaquim Carlos da Silva Graça, João Ferreira de Carvalho, José Manoel Godinho, Joaquim de Matos Pinto, Antonio Luiz Agria, Antonio e Luiz Ferreira, João Luiz Junior, Amadeu Simões Lopes, Julio de Freitas, Manoel Lopes do Rego, Joaquim de Araujo Lacerda Junior, Manoel Quaresma Paiva, Abilio David dos Reis, Guilherme Tomaz Agria, Manoel Henriques, José Antunes d'Andrade, Elisio Nunes de Carvalho, Alfredo Correia de Frias, Manoel da S. Telhada, Anibal Ferrão Paes, Alvaro Abreu, Francisco S. Agria Junior, Antonio L. Serra, Alfredo Mercês da Conceição, Miguel C. Resinha, Carlos Liborio, por si e representando os srs. Antonio Rodrigues e Jeronimo Rodrigues Pinheiro, Augusto de Araujo Lacerda, Manoel Fernandes David, Gustavo Godinho da Conceição, Manoel Dias Baeta, José Simões da Silva, Benjamin A. Mendes, Manoel Dias Coelho, Domingos de Menezes Trilho, Artur Sequeira de Carvalho, José Quaresma d'Oliveira, José Simões, João A. d'Almeida, Abel Bastos, Manoel Nunes, Francisco d'Abreu, Carlos Jorge, Antonio Augusto, Manoel Santana, Manoel Rodrigues Carreira, Manoel Pedro dos Santos, Artur Pádua Furtado, Augusto do Carmo Afonso, João Pedro Godinho, Manoel Fidalgo, José Mendes do Pifaro, Carlos Maria de Melo e Faro, Sebastião Alves, Joaquim Mendes Graça, Basilio d'Araujo Lacerda, etc., etc.

Dirigia o funeral o nosso presado amigo, sr. Manoel dos S. Abreu, que tambem representou o sr. José Miguel Fernandes David, que achando-se em Coimbra, telegraficamente o encarregou dessa missao, tendo-se tambem incorporado no funeral o sr. dr. José Nascimento, illustre delegado em Anciao e conchudado do sr. dr. Mario Neves e Castro.

A porta do cemiterio foram distribuidas esmolas aos pobres. A illustre familia enlutada, a «Uniao Figueiroense», apresentou as suas cordaes condolências. Que descanse em paz a nossa senhora.

Ecos & Noticias

Dr. Miguel A. Correia

Encetou hoje de novo a sua apreciada colaboração no nosso jornal, o nosso presado amigo, sr. dr. Miguel Alexandre Alves Correia, um dos seus fundadores e seu director até fins de 1911. Os brilhantes escritos do dr. Alves Correia são bem conhecidos dos leitores da «União», sendo com prazer que lhe damos esta agradável noticia.

Confronto

Em Gouveia, o respectivo administrador, para evitar a alteração da ordem pública e no sentido de atenuar a crise das subsistencias, proibiu a saída para fora do concelho de milho, trigo, centeio, batata, feijão e azeite, sem licença da mesma autoridade, sob pena de desobediencia qualificada.

Nesta vila, o caso não de figura. O sr. Serra deixa sair o que nos é preciso e ás representações que lhe são dirigidas responde que nada pode fazer, acrescentando ainda que os generos não faltarão para o nosso consumo.

Um dia que não será longe se verá que o sr. Serra procedeu mal. O xalá nos enganamos!

Fugido

Está assente a partida para França como maior medico do C. E. P., do sr. dr. Brito Camacho, parecendo que alguns correligionarios não seguirão o exemplo, indo cada um para seu lado. Se ex.º apanaram o arcaizal, mas não querem assistir ao desmanchar da teira.

Quem será?

Ha dias, poucos ainda, o sr. Augusto de Araujo Lacerda, anunciava a seu irmão, o sr. dr. Adelino Lacerda, a projectada transierencia, suspensão ou demissão d'um empregado publico qualquer, retorquindo-lhe o irmão que não pensasse em tal, porque ele, ainda era dos peões.

O sr. Augusto Lacerda, apressou-se então a dizer que ele era (ocultamos as injurias) e se alguém duvidasse do que deixava dito, se informasse com o sr. Carlos Graça. Quem será ele?

Nota estrangeira

São do considerado e importantissimo jornal de Londres, «O Times», órgão officioso do governo inglez, as palavras que se seguem: Quando se conheceu a obra desse governo (o democratico) e o que ele conseguiu realizar atravez de uma opposição implacavel, o povo portuguez hade sentir-se orgulhoso d'ele. E' felizmente o que está succedendo

Lobo no povoado

O sr. Teixeira Gomes, nosso illustre ministro em Londres, foi telegraficamente chamado a Lisboa e ali chegado foi-lhe lido o despacho que o demittia do seu alto cargo, sendo em seguida preso com homenagem, conservando-se no hotel Avenida Palace com sentinela á vista e donde não pode sair nem comunicar com pessoa alguma.

O illustre diplomata, vivendo de perto com o governo inglez, ouvia d'ele a sua opinião acerca da nossa actual situação, mas não convem que ele a transmitisse ao seu paiz e d'ahi a sua prisão. Viva a liberdade!

recompensa

Parece que o governo vae decretar uma anistia para os individuos que se acham presos por virtude dos ultimos assaltos aos estabelecimentos de Lisboa, onde causaram prejuizos que foram avaliados em muitos milhares de contos de reis.

Era logica tal anistia e até mesmo justa. Eles ajudaram a fazer a papinha, sendo justo que se lhe pague. O contrarrio seria ingratitude!

o milho

O sr. Serra, que se investiu no lugar de administrador para assim dar o seu apoio a junta revolucionaria, acompanhado da guarda republicana,

audon, no ultimo domingo, passeando pelo mercado do milho, não deixando vender este cereal por preço superior a 15500 reis, cada alqueire.

Como qualquer pessoa o paga por 16 e 18 tostões, os mercados seguintes ficarão desertos de milho.

Mas como o sr. Serra diz que tem em seu poder 50 moios para vender por tal preço, está tudo remediado. E' com ele que vamos ter!

Em desafiada

Os habitantes do Centro e norte da freguezia da Campelo, reunidos em comissão, vieram a esta vila, no preterito dia 22 e dirigindo-se á administração do concelho, exigiram do sr. Serra, a quem foram buscar á sua farmacia, a imediata substituição da respectiva comissão parochial por outra em que o sul, centro e norte, fossem representados, visto que a Comissão nomeada se compunha simplesmente de individuos do sul da respectiva freguezia.

Em virtude da imponencia da Comissão e da justiça que lhe assistia o sr. Serra, á vista d'ela enguliu a pilula.

A grande comissão que trazia a frente o nosso amigo, sr. Joaquim Lourenço de Campos, entrou ordeira e pacatamente e ordeira e pacatamente se retirou, indo aliviada d'aquella afronta que ha dias lhe fora dirigida. Belo e nobre exemplo.

Manoel Joaquim

Apoz alguns dias de sofrimento faleceu em Lisboa este nosso patrio e amigo natural do logar dos Covaes, irmão do sr. Jose Joaquim, Colmial e primo de Antonio N. Coelho Serra, comerciante na praça de Lisboa, realisando-se o seu funeral no dia 22 do mez findo para o cemiterio do Alto de S. João onde foi acompanhado por grande numero d'os seus amigos, tendo-se organizado quatro turnos no cemiterio pegando ás bofias do caixão os seguintes srs.:—1.º Manoel Liborio, José Joaquim dos Santos, Antonio N. Coelho Serra, Manoel C. Martinho—2.º Os empregados do escritorio da casa Coelho Serra—3.º Os empregados de praça da casa Coelho Serra—4.º Antonio N. Coelho Serra, Manoel Coelho Martinho, José Jorge, José Maria Garcia Florido. O cadaver ficou sepultado em cova separada que tem n.º 4:951, tendo-lhe sido feita a autopsia a pedido do seu primo Coelho Serra por lhe constar que a morte não tinha sido natural estando a justiça a investigar afim de apurar o que ha de verdade. As despesas feitas com o funeral e com a justiça correram por conta do seu primo Coelho Serra.

A sua familia os nossos pesames.

O caso do falsificador

As gazetas monarchicas descobertas e encobertas tem estampado, em nota officiosa, um bilhete do sr. Leote do Rego para o chefe do serviço de informações do ministerio da guerra no qual se fala no «falsificador da firma» do sr. Presidente da Republica e em volta deste caso tem-se feito um barulho de ensurdecer...

Ora se não fossem tão... de smomeriados, recordar-se-hiam dos pormenores da intentona de 13 de dezembro de 1916 e por consequencia do aparecimento de certo numero do «Diario do «Governo» em que se demittia um ministerio, se nomeavam governadores civis e generaes comandantes de divisao etc., etc., e tudo isto em nome e assinado pelo sr. dr. Bernardino Machado, sem que este de tal tivesse conhecimento...

Comó quer que em determinado momento se ventilasse certa questão de ordem publica entre as duas pessoas acima referidas a segunda foi de opinião que seria bom, ainda que indirectamente, entenderem-se com o autor de tal Diario, que ao tempo se encontrava encarcerado...

A segunda todavia isto é, o sr. Leote do Rego a quem repugnava tantos entendimentos, julgando ter descoberto maneira de solucionar o assunto de que se tratava, apressou-se no dia immediato em escrever, comunicando a sua opinião.

Dai o bilhete criminoso e a referencia do «falsificador da firma do chefe de Estado.»

De resto o intuito com que pretendiam agora embuir o respeitavel publico é tão grosseiro que os proprios monarchicos honestos o devem inteiramente reprovar.

O que seria bom era que houvesse um pouquinho mais de lealdade e de decoro, só se atacando as pessoas com coisas destas quando elas se possam defender.

Noticias pessoais

José Custodio Vidigal

De passagem para Coimbra, esteve ante-ontem nesta vila acompanhado de s. ex.ª esposa e filhos, o nosso presado amigo, sr. Custodio Martins Vidigal, de Pedrogam Pequeno.

A tratar dos seus negocios estiveram nesta vila, os nossos amigos, srs. José Francisco Loja, Servulo Simões Pereira, João Antonio dos Santos, Daniel dos Reis Patricio e José Martinho dos Reis, de Campelo, Manoel Nunes dos Santos, Emílio Gonçalves Baiao e João Rodrigues Baido de Arega; José Francisco da Costa, do Bolo; Antonio Freire, Augusto Freire e Adelino Lopes, do Casal do Pedro; Manoel Jorge, da Graça; José dos Santos Mutos, dos Trespostos; José Antonio dos Santos, de Vilas de Pedro; Augusto Simões Estanqueiro e Antonio Henriques, da

Ribeira d'Alge; Manoel Lopes Godinho, da Portela Antonio Tomaz dos Anjos, dos Escalos.

De passagem para Lamas esteve nesta vila o nosso amigo, sr. Manoel Rodrigues Costa, do Tróviscal.

Tambem aqui esteve, seguindo para Barbacena, o nosso amigo, sr. Manoel Simões da Costa, do Fontão Fundeiro.

Cumprimentos nesta vila o nosso estimado amigo, sr. José Alves Bebbiano, importante industrial em Castanheira de Pera.

De visita a sua familia encontra-se no Fontão Fundeiro, o nosso amigo, sr. Manoel Angeio, comerciante em Cachopo.

Retirou para Vendas Novas, tendo estado nesta vila, o nosso amigo, sr. Manoel Nunes Rodrigues, do Fontão Fundeiro.

Esteve nesta vila e apresentou-nos os seus cumprimentos que agradecemos o nosso amigo, sr. Carlos Silva Martins, de Pedrogam Grande.

Transcrição

Ao nosso presado colega «O Defensor», agradecemos a transcrição que fez do nosso fundo do ultimo numero intitulado «Momento Supremo».

“O REMEXIDO.”

No dia 2 do proximo mez de fevereiro, começará o «Diario de Noticias», importante e considerado diario da capital, a publicar em folhetim, um sensacional romance historico, intitulado «O Remexido», de que é autor o notavel escritor e laureado jornalista, sr. Eduardo Noronha.

Atendendo ao assunto ventilado nessa importante obra e a indiscutivel competencia do seu autor, não temos duvida em afirmar que o sensacional romance terá um exito dos mais completos:

Todos devem, pois, ler com interesse, esse notavel romance, adquirindo assim profundo conhecimento de notaveis acontecimentos politicos da nossa historia desde 1819 a 1838.

J. Paiva & A. Fraga
Ourives-Joalheiros
6, Rua de Palma, 12—LISBOA

Lembramos aos nossos amigos e freguezes que continuamos vendendo todos os artigos de ourivesaria e joalheria por preços com os quaes ninguem pode competir (embora haja quem se incomode por vendermos tão barato). Pedimos uma visita á nossa casa, confrontem a qualidade dos brilhantes e seus preços e verão depois quem melhor e mais barato vende. Corções correntes, aneis, alfaetes e mais objectos de ouro só pelo peso.

6 e 12, Rua de Palma, 10 e 12
Não confundir — 1.
Fraga subindo a rua—
Telephone 3676

RELOJOARIA E OURIVESARIA

DE
Manoel Lourenço Gomes dos Santos
FIGUEIRÓ DOS VINHOS



Participa ao publico que acaba de chegar a esta antiga e acreditada casa um grande sortido de relojoaria e ourivesaria de todas as qualidades e para todos os preços.

Relogios historicos; ditos com corda para quatrocentos dias e outros com lindas peças de musica.

Estes relogios são da maxima confiança, afiançados por 3 ou 4 anos e não trocam as horas.

Concertos em todos os relogios a preço convidativos, sendo estes garantidos.

Nesta acreditada casa tambem o publico encontra uma enorme variedade de gramofones e um colossal sortimento de discos com as mais lindas e variadas peças de musica, muito proprias da actualidade.

Vende maquinas de costura, por preços barattimos e convenientes, alem disso tem tambem maquinas novas de pé e mão aos seguintes preços e a pronto pagamento.

Acessorios para bicicletas, pneumaticos e camaras d'ar.

Compra libras e peças em ouro antigo.

Compra prata e ouro velho, por bom preço

BARATEIRO DO POVO

É o estabelecimento que mais barato vende e que maior sortido tem!

Fazendas de lã, algodão e seda. Miudezas, mercearia e brinç.

Sola, cabedaes e todos os artigos para sapateiro, por preço mais baixo do que em qualquer parte

Camas de ferro, colchões, enxergões e lavatorios

Correspondente das Companhias de Seguros "A Lisbonense e Indemnizadora,"

Provem o delicioso café que acaba de chegar ao
BARATEIRO DO POVO
em latinhas de 6, 8, 12 e 16 centavos.
Tambem ha avulso, uma especialidade d'esta casa que não receia competencias.

TIPOGRAFIA "UNIAO FIGUEIROENSE,"
Execução perfeita de todos os trabalhos tipograficos

O proprietario

JOSÉ MIGUEL FERNANDES DAVID

FIGUEIRO DOS VINHOS

ATLANTICA COMPANHIA DE SEGUROS CAPITAL 500 CONTOS

SEDE PORTO—LOYOS, 92

Agencia Porto—Infante D. Henrique, 53

Telegramas—«ATLANTICA», Porto.—Telefones: Administração 1.986—Secção Expediente, 1.306—Secção Maritima, 2.105—Agencia, 1.897.

DELEGADOS e Agencias em Lisboa, Londres, Paris, Christiania, Stockolmo, Copenhagen, Madrid, Barcelona, Vigo, Genova, Palermo, Petrogrado, New-York, Boston, Atenas, Bordeaux, Marselha, Havre, Tunis, Alger, Malta, Funchal, Ponta Delgada, Horta, Ilhas de Cabo Verde e Santa Maria.

1.800 CORRESPONDENTES NO PAIZ

Seguros contra fogo, roubo, tumultos, assaltos, guerra, guerra civil, granizo e inundações.—Seguros contra mortes e accidentes d'animaes.—Seguros maritimos contra todos os riscos

Comissarios de avarias em todos os portos do mundo

SEGUROS DE GUERRA.

sinistros pagos em 1916 **153 CONTOS.**

J. M. Fernandes Guimarães & C.^a
Joãoquim Pinto Leite Filho & C.^a—Porto
Banco Nacional Ultramarino
London County & Westminster Bank
Pinto Leite & Nephews—Londres
Crédit Lyonnais—Paris
Revisions Bank—Copenhague

Esta Companhia está em relações com Companhias Inglesas, francezas, italianas, russas, dinamarquezas, suecas, norueguezas e hespanholas.

AGENTES EM FIGUEIRÓ DOS VINHOS

GODINHO & PINTO

Godinho & Pinto

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Casa depositaria da Companhia [dos] Tabacos de Portugal

Agencia de vendas nos concelhos de Figueiró dos Vinhos, Pedrogam Grande, Alvaizere e Ancião.

Dep. de Phosphoros, Aguas de Vidago e Polvora do Estado

CORRESPONDENTES:

do Banco Commercial de Lisboa
Nacional Ultramarino
Aliança do Porto
Economia Portugueza do Minho
Lisboa & Açores e das

CASAS BANCARIAS

Credit Franco-Portugais
José Henriques Tosta & C.^a Lisboa
Silva, Beirão, Pinto & C.^a
J. M. Fern. Guimarães & C.^a Porto
Pinto da Fonseca & Irmão
Borges & Irmão

Cobrança de letras e saques sobre todas as terras do paiz.
Paga saques d'Africa, Brazil, America do Norte, etc.
Desconta cheques sobre todas as praças estrangeiras.

Compra libras, ouro portuguez, notas e dinheiro de paizes estrangeiros.

Compra e venda de titulos da dívida publica, acções e obrigações de Bancos e Companhias.

INFORMAÇÕES



Effectuam-se seguros sobre predios, Fabricas, Estabelecimentos, Mobilia, Cereaes, Cortiça, Arvorede, etc.